

EDUCAÇÃO DO CAMPO E AGROECOLOGIA EM ESCOLA DO CAMPO CATARINENSE*

RURAL EDUCATION AND AGROECOLOGY IN A SANTA CATARINA RURAL SCHOOL

Natacha Eugênia Janata¹
Marilia Carla de Mello Gaia²
Lucyara Carvalho de Jesus³
Lanna Christi dos Santos Costa Cabral⁴

Resumo

Esta investigação analisou os vínculos entre a proposta educativa da Escola de Educação Básica Vinte e Cinco de Maio, localizada no Assentamento Vitória da Conquista (Fraiburgo/SC), e os processos sócio-produtivos da comunidade. Como instrumentos metodológicos houve a combinação de pesquisa documental, bibliográfica e de campo, destacando a integração entre Educação do Campo e Agroecologia como eixo central da prática educativa. O estudo revelou que a escola, fundada em 1989, fruto da luta do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, articula saberes acadêmicos e tradicionais por meio de práticas pedagógicas como hortas didáticas, sistemas agroflorestais e a existência do Curso Técnico em Agroecologia. As entrevistas com agricultores e educadores evidenciaram o papel transformador da escola na promoção da Agroecologia e na valorização da cultura camponesa. Contudo, desafios como a rotatividade de professores e a influência da agricultura convencional persistem. A pesquisa conclui que a escola é um espaço de resistência, onde a educação se torna um elo para a transformação do seu entorno, alinhada aos princípios e diretrizes da Educação do Campo e da Agroecologia.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas; Processos sócio-produtivos; Reforma Agrária; MST.

Dossiê: Artigo Original: Recebido em 15/06/2025 – Aprovado em 31/10/2025 – Publicado em: 29/12/2025

¹ Professora do Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. e-mail: natacha.janata@ufsc.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8308-0736> (autora correspondente)

² Professora do Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. e-mail: marilia.gaia@ufsc.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2105-8968>

³ Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. e-mail: lucyara18@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7192-0321>

⁴ Graduanda do Curso de Agronomia, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. e-mail: lanna.christi@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-5408-0911>

* Apoio financeiro: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no âmbito da Chamada 18/2021.

Abstract

This investigation analyzed the links between the educational proposal of the Vinte e Cinco de Maio elementary school, located in the Assentamento Vitória da Conquista (Fraiburgo/SC), and the socio-productive processes of the community. As methodological tools, a combination of documentary, bibliographic, and field research was used, highlighting the integration between Rural Education and Agroecology as the central axis of the educational practice. The study revealed that the school, founded in 1989 as a result of the struggle of the Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, articulates academic and traditional knowledge through pedagogical practices such as didactic gardens, agroforestry systems, and the existence of the Curso Técnico em Agroecologia. Interviews with farmers and educators highlighted the transformative role of the school in promoting Agroecology and valuing peasant culture. However, challenges such as teacher turnover and the influence of conventional agriculture persist. The research concludes that the school is a space of resistance, where education becomes a link for transforming its surroundings, aligned with the principles and guidelines of Rural Education and Agroecology.

Keywords: Pedagogical Practices; Socio-productive processes; Land Reform; MST.

1 Introdução

A Agroecologia se aproxima da Educação do Campo, para além da constituição de uma nova disciplina escolar (e suas variantes temáticas), mas a partir de uma perspectiva de construção de uma escola que seja baseada no trabalho e na vinculação com a realidade do campo e com a transformação social. No entanto, tal aproximação se materializa em um modelo de produção que prioriza a comoditização de produtos agrícolas em detrimento da produção de alimentos saudáveis; o uso intensivo de insumos químicos-sintéticos com fins de maximizar a produção, mas que acabam por minimizar ou extinguir a vida (em termos de biodiversidade, de saúde do solo, das plantas e demais seres vivos); que visa altos rendimentos e a exportação às custas da degradação ambiental e o empobrecimento dos agroecossistemas; entre tantas outras características deletérias que reforçam a insustentabilidade de um sistema agroalimentar baseado em um modelo de produção capitalista, devastador e excludente.

Conforme Furlan-Carcaiolli e colaboradores (2024), “o processo de enfrentamento ao modelo de produção agropecuária convencional passa, necessariamente, pela escola”. Portanto, assumir e construir uma efetiva relação de Educação do Campo e Agroecologia é colocar a escola em uma perspectiva de futuro, no qual se busca a partir dela - a escola -, mas não somente nesta, construir questionamentos e postura crítica referentes ao avanço e à destruição do capitalismo no campo, entre estudantes, professores/as e comunidade escolar. Perspectiva esta que assume a escola como “ferramenta de luta e resistência ao modelo de produção hegemônico” (Ribeiro et al., 2017, p. 7) e como parte da materialização da Agroecologia.

Sendo a Agroecologia aqui considerada como potencializadora da transformação do sistema agrário/agroalimentar atual, e considerando que esta é uma possibilidade para a (re)organização do campo, a escola do campo comprometida com a transformação social se orienta também a partir de uma perspectiva agroecológica. Neste sentido, Caldart (2023) afirma que:

A produção agroecológica de alimentos é uma questão que se refere à vida imediata de cada um de nós e, ao mesmo tempo, é questão que tem força histórica nos debates atuais sobre o futuro da humanidade. Legítima questão da *actualidade* com a qual os processos educativos com finalidades emancipatórias precisam se vincular. (Caldart, 2023, p. 1).

Neste sentido, refletindo sobre a relação entre Educação do Campo e Agroecologia, o lócus da pesquisa abarcou o assentamento de Reforma Agrária Vila da Conquista, localizado no município de Fraiburgo (Santa Catarina), onde está situada a Escola de Educação Básica Vinte e Cinco de Maio (Escola Vinte e Cinco de Maio).

O assentamento Vila da Conquista tem sua história vinculada à luta pela terra em Santa Catarina, tendo sido fruto da primeira ocupação de terras no estado organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), ocorrida no dia 25 de maio de 1985 em Abelardo Luz. Das duas mil famílias que realizaram esta ocupação, 85 foram destinadas um ano após para o município de Fraiburgo, resultando em outros dois assentamentos: União da Vila da Conquista (EEB Vinte e Cinco de Maio, 2024; Domingues et al., 2021; Kuhn, 2015).

Conforme relatado no Projeto Político Pedagógico da escola (EEB Vinte e Cinco de Maio, 2024),

Já no primeiro ano de assentamento, as crianças foram reunidas sob a sombra de uma árvore para as primeiras aulas. Em 1987 foram criadas duas escolas de séries iniciais do ensino fundamental (1^a a 4^a séries). Neste período já havia discussões a respeito das possibilidades de expansão dos níveis de ensino existentes, originando a trajetória e a história da escola. Existiam dois lotes reservados pela comunidade com a finalidade de criação da escola de 6º ao 8º ano, sendo que no ano de 1989 foi aprovado seu funcionamento, denominando-se Escola Agrícola de 25 de Maio. (EEB Vinte e Cinco de Maio, 2024, p. 9).

Conforme dados do Censo Escolar (INEP), disponibilizados na plataforma QEdu (Portal QEdu, 2024), a escola possui 78 estudantes matriculados, com 24 professores contratados, oferecendo os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, com curso técnico integrado - o Curso Técnico em Agroecologia. A Educação Infantil e os anos iniciais do Ensino

Fundamental são atendidos pela rede municipal, utilizando as mesmas dependências, conforme o PPP (EEB Vinte e Cinco de Maio, 2024).

Assim, o objetivo geral da pesquisa foi identificar e analisar os vínculos entre a proposta educativa da Escola de Educação Básica Vinte e Cinco de Maio (Escola Vinte e Cinco de Maio) e os processos sócio-produtivos presentes no seu entorno, a partir da relação entre Educação do Campo e Agroecologia. A questão central voltou-se para o levantamento, registro e análise de práticas agroecológicas desenvolvidas na escola e entorno e quais suas contribuições para a transformação da comunidade, com atenção especial às estratégias educacionais que promovem a interação entre a escola, os/as estudantes, o ambiente e a comunidade, estando fundamentadas nos princípios da Educação do Campo e da Agroecologia.

2 Metodologia

A investigação implicou no cruzamento de três instrumentos - documento, entrevista, observação - gerando dados que foram analisados a partir da fundamentação teórica, tomando como foco o debate acerca da escola do campo e a importância da relação com a Agroecologia. Importante ressaltar o compromisso ético-político assumido no processo de produção do conhecimento, tendo como fundamento o Materialismo Histórico Dialético e como referencial teórico-metodológico as diretrizes expostas por Minayo et al. (1994) no que diz respeito à pesquisa social, bem como a de Pires (1997) no sentido da pesquisa sobre a realidade educacional.

No que diz respeito ao documento, o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Vinte e Cinco de Maio foi a referência central, retirando dele as principais características do processo formativo na relação com a Agroecologia.

A pesquisa de campo ocorreu por meio do levantamento de dados no local onde o fenômeno ocorre, com a utilização de variadas técnicas de pesquisa (observação, entrevista e registro fotográfico), sendo complementada pela pesquisa bibliográfica, a partir das categorias ‘escola do campo’ e ‘práticas agroecológicas’.

Para desenvolvimento da ação investigativa, bem como o registro e sistematização das experiências, foram elaborados instrumentos que permitiram produzir e sistematizar os dados

da pesquisa de campo tais como o roteiro de observação e entrevistas, integrando-os com a pesquisa documental e a pesquisa bibliográfica.

As etapas da pesquisa de campo envolveram o levantamento de produções escritas sobre Agroecologia, Educação do Campo e áreas afins identificadas na biblioteca da escola; caracterização e registro dos processos sócio-produtivos e educativos da instituição e seu entorno no que diz respeito à relação Educação do Campo e Agroecologia, entrevistas com sujeitos da escola, bem como da comunidade, envolvidos com essas experiências, e, por fim, sistematização das informações, com transcrição das entrevistas gravadas, para posterior tabulação e análise.

A pesquisa de campo ocorreu em outubro de 2024, obtendo um total de nove depoimentos, sendo cinco de agricultores e agricultoras assentados/as da comunidade e quatro de educadores e educadoras da instituição, com o intuito de compreender as práticas agroecológicas adotadas na comunidade, a relação com a escola, bem como os aspectos históricos, sociais e produtivos que integram o cotidiano. As falas foram gravadas e posteriormente transcritas de forma integral, respeitando a autenticidade das informações fornecidas. Ressaltamos que a disponibilidade em participar e o consentimento livre foi o definidor inicial do público participante da pesquisa.

Os critérios de participação das famílias da comunidade nas entrevistas envolveram a diversidade de gênero, pessoas com filhos e/ou filhas que tivessem estudado na escola e pessoas que não tivessem essa condição, famílias que produzissem de forma agroecológica, bem como as que não tinham a produção a partir dessa base. Em relação aos educadores e educadoras buscamos também a diversidade de gênero e diferentes períodos de vínculo com a escola, com a especificidade de atuação no Curso Técnico em Agroecologia.

No que diz respeito às famílias, as entrevistas foram realizadas em locais combinados diretamente com as pessoas participantes, envolvendo a ida a casa e ao lote de produção, o que permitiu a observação e o reconhecimento das diferentes experiências sócio-produtivas vinculadas à Agroecologia.

Em relação aos educadores e educadoras, as entrevistas ocorreram na própria escola, em momentos de intervalos, possibilitando a observação dos espaços e práticas escolares, tendo como foco as relacionadas com a Educação do Campo e a Agroecologia.

Adicionalmente foram desenvolvidas observações direcionadas, com foco nas práticas educativas e produtivas desenvolvidas no espaço escolar e em seu entorno, contemplando

elementos como hortas didáticas, sistemas de compostagem, práticas agroflorestais, organização comunitária e o uso de sementes crioulas.

As informações obtidas durante o processo de campo foram organizadas em documentos contendo as transcrições das entrevistas, registros fotográficos, representações visuais das áreas de cultivo e anotações oriundas da observação sistemática. Tais registros compõem a base empírica da pesquisa, tendo sido utilizados na etapa de análise e interpretação dos dados, com vistas a compreender a articulação entre as práticas educativas, as práticas agroecológicas e o papel transformador da Escola Vinte e Cinco de Maio.

3 Resultados e discussão

Apresentamos os resultados e as reflexões enfocando primeiramente as observações e os elementos do PPP; na sequência apresentamos os depoimentos das pessoas participantes, relacionando com as observações; e, por fim, buscamos estabelecer sínteses no sentido de compreender criticamente a relevância das práticas educativas da escola para a organização sócio-produtiva do assentamento no sentido da Agroecologia.

3.1 A Escola de Educação Básica 25 de Maio: Educação do Campo e práticas agroecológicas

A Escola de Educação Básica Vinte e Cinco de Maio (Fraiburgo/SC) constitui uma experiência consolidada de Educação do Campo vinculada à luta por terra e Reforma Agrária. Conforme consta no Projeto Político Pedagógico (EEB Vinte e Cinco de Maio, 2024), foi fundada em 1989, no contexto dos assentamentos organizados pelo MST. Iniciou como extensão de outra escola, porém ao longo dos seus mais de 25 anos foi se consolidando e, em 2024 oferta o Ensino Fundamental - Anos Finais, com 40 estudantes matriculados, e o Ensino Médio integrado, com o Curso Técnico em Agroecologia, com alojamento para os estudantes, com um total de 38 matrículas, conforme dados do Censo Escolar (INEP, 2024) (Portal QEdu, 2024).

As observações realizadas durante a pesquisa de campo permitiram visualizar os princípios apresentados no Projeto Político Pedagógico (EEB Vinte e Cinco de Maio, 2024) e as experiências vivenciadas cotidianamente. Uma das dimensões mais marcantes observadas

foi a integração entre os conteúdos teóricos e as práticas cotidianas no trabalho com a terra na própria escola. Essa articulação é promovida nos diferentes “tempos educativos”, especialmente o “Tempo Trabalho Educativo”, no qual os estudantes realizam atividades como manejo agroecológico, produção de mudas, cuidado com animais e cultivo na horta mandala. O documento destaca: “A organização do currículo deverá trazer situações que exijam respostas práticas relacionadas com os conhecimentos já adquiridos, possibilitando a articulação do maior número de saberes diante dos momentos da realidade” (EEB Vinte e Cinco de Maio, 2024, p. 18).

Conforme também consta no documento, bem como a partir de informações das entrevistas, a proposta pedagógica da escola tem princípios fundamentados na Pedagogia do Movimento Sem Terra (ou simplesmente Pedagogia do Movimento), nome que “identifica a práxis educativa e o projeto formativo do MST”, bem como é usado como “chave metodológica para análise das ações educativas do próprio Movimento e para pensar outros processos educativos da classe trabalhadora que visem confrontar hoje a pedagogia do capital e fortalecer a construção histórica da Pedagogia Socialista” (Caldart, 2025). A Pedagogia do Movimento é, portanto, fruto de um processo coletivo, social e histórico, baseado na luta pela terra e por uma nova sociedade, conforme apresentado em Caldart (2000). Dentre os princípios observados, destacamos o vínculo entre educação e movimentos sociais, a gestão democrática e a valorização da cultura camponesa.

Também se evidencia na prática da escola a influência da Pedagogia do Oprimido, proposta por Freire (2005), em que defende uma educação libertadora, construída a partir do encontro dialógico entre educador/a e educando/a, em íntima relação com a realidade concreta. Como afirma o autor: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 2005, p. 47). Foi possível observar durante a pesquisa de campo que essa concepção se realiza na Escola Vinte e Cinco de Maio, tanto nos conteúdos quanto nas formas de organização escolar, como os Coletivos de Educadores/as, os Núcleos de Base e a auto-organização dos educandos e educandas.

Na relação entre o que a escola se propõe a realizar, conforme consta no PPP, e o que foi observado e identificado como concretude, apresentamos o levantamento das obras de Agroecologia, Educação e temas afins disponíveis na biblioteca da Escola Vinte e Cinco de Maio (Quadro 1). A identificação de tais obras levou à produção de uma lista de referências

bastante significativa, sendo este um elemento indicativo da relevância da produção do conhecimento nesta área para esta escola.

QUADRO 1 – MATERIAIS IDENTIFICADOS NA BIBLIOTECA DA ESCOLA VINTE E CINCO DE MAIO

Autores/Organização	Título	Ano
Jose Antonio Lutzenberger	Fim do futuro — manifesto ecológico brasileiro.	1977
Paulo Freire	Pedagogia da Autonomia	1996
Ana Maria Primavesi	Agroecologia: Ecosfera, Tecnosfera e Agricultura	2002
Diversos autores	Agroecologia: Um Caminho para a Extensão Rural Sustentável	2004
Mitsue Morissawa	A história da luta pela terra e o MST	2004
Rosa Luxemburgo	Reforma ou revolução?	2004
Francisco R. Caporal e Edisio Azevedo	Princípios e Perspectivas da Agroecologia	2006
MST/ Coordenação	Como Construir a Reforma Agrária Popular em Nossos Assentamentos	2007
Antônio Inácio Andrioli e Richard Fuchs	Transgênicos: as Sementes do Mal - a silenciosa contaminação de solos e alimentos	2008
João Nildo Viana (orgs).	Agroecologia: um novo caminho para a extensão rural sustentável.	2009
Caldart et all (orgs.).	Dicionário de Educação do Campo	2012
Braulio Machín Sosa, Adilén María Roque Jaime, Dana Rocío Ávila Lozano, Peter Michael Rosset	Revolução agroecológica: o movimento de camponês a camponês na ANAP em Cuba.	2012
Adriana D'Agostini e Mauro Titton (orgs.)	Escolas de Assentamentos em Santa Catarina: experiências e desafios que intercruzam a educação vinculada à luta pela terra	2015
Nelson Eduardo Corrêa Neto et al.	Agroflorestando o mundo de facão a trator. Petrobrás Ambiental. Barra do Turvo	2016
Mauro Titton	Formação interdisciplinar para o trabalho em áreas de reforma agrária: experiências de um Curso de Residência Agrária	2016
Cledir Assisio Magri, Edivan Junior Pommerening (Orgs.).	O cooperativismo financeiro e a agricultura familiar: gerando desenvolvimento sustentável	2018
Mauro Titton (Org.)	Formação Humana e Reforma Agrária: reflexões sobre práticas formativas e suas relações com as lutas sociais	2018
Ana Maria Primavesi	A Convenção dos Ventos	2019
Diversos autores	Agenda da Agroecologia	2019
Caroline Bahniuk Marlene Lúcia Siebert Sapelli Valter de Jesus Leite	Ensaios da escola do trabalho na luta pela terra: 15 anos da Escola Itinerante do Paraná	2019
MST / Via Campesina	Reforma Agrária Popular no Assentamento Contestado	2020
Araê Claudinei Lombardi (org.)	Agrofloresta e a Prática Agroecológica	2022
Clesio Azevedo da Silva el al. (Orgs.)	Jornada de Agroecologia: políticas, ações e movimentos	2022
Joaquim Gonçalves Da Costa	Soberania alimentar dimensões material, prático-política e utópica.	2022
UFPR e MST	"Agroecologia também é um espaço de luta das mulheres" Reforma agrária popular no assentamento contestado – Documentário	2022

FONTE: Elaborado pelas autoras (2024).

Vale destacar que há uma variedade de tipos de materiais disponíveis na biblioteca, como livros, cartilhas e até documentários, bem como a presença de referências clássicas no estudo da Agroecologia, como Ana Maria Primavesi, Paulo Freire, Rosa Luxemburgo e José Lutzenberger. Conforme Martins e Sousa (2023), a presença destes materiais reforça a

biblioteca como salvaguarda de conhecimentos historicamente acumulados e a importância do acesso a referências de qualidade e à literácia da informação. Tais autores indicam também que o “MST tem procurado aproximar-se do saber universitário como forma de ampliar o conhecimento acadêmico sobre a agricultura e a pecuária sustentável”, seja pela preocupação com a formação acadêmica dos sujeitos quanto no acesso nas escolas e assentamentos à materiais que fortaleçam os processos de formação e construção da luta da Reforma Agrária nas suas muitas dimensões. Ao identificar obras que são resultantes das experiências de produção do conhecimento realizadas pelos sujeitos do campo, destacamos a importância de ter no acervo materiais que incorporam o que Gehrke (2017) denomina como Biblioteca da Educação do Campo, com documentos que “têm forte potencial para ser uma nova leitura da realidade do campo, pois carregam a posição dos protagonistas da luta pela Educação do Campo no Brasil” (Gehrke, 2017, p. 13).

Entre os objetivos da escola, está a valorização da permanência no campo com dignidade e sustentabilidade, como explicitado no documento institucional: “Valorizar a vida no campo, reduzindo o êxodo rural e consequentemente o índice de pobreza e marginalização das grandes cidades” (EEB Vinte e Cinco de Maio, 2024, p. 21).

Durante a observação foi possível perceber a coerência entre o discurso pedagógico e a práxis educativa cotidiana. Os/as estudantes demonstraram envolvimento com as tarefas coletivas, senso de responsabilidade com os espaços e protagonismo nas decisões relacionadas às atividades pedagógicas e de convivência. Esses também são alguns dos elementos indicados por Kuhn (2015) em sua pesquisa.

Contudo, a escola também enfrenta desafios, como a alta rotatividade de professores/as temporários/as e as limitações financeiras, que impactam a continuidade dos projetos. Há ainda dificuldades relacionadas à permanência dos jovens no Curso Técnico em Agroecologia, especialmente no primeiro ano, devido à adaptação à rotina escolar. Outra dificuldade é a apontada por Domingues e colaboradores (2021), estando relacionada com os impactos que o pacote conservador da agricultura convencional exerce sobre a fonte de renda das famílias assentadas, emperrando e até mesmo impedindo o estabelecimento de uma organização sócio-produtiva mais efetiva, ampla e profundamente vinculada com a Agroecologia.

Ainda assim, a Escola Vinte e Cinco de Maio se firma como uma experiência concreta e inspiradora de Educação Popular do campo, articulando formação técnica, política e humana,

reafirmando a escola como espaço de transformação social e se aproximando dos pilares da Agroecologia – como ciência, práxis e luta social, conforme Guhur e Silva (2021).

3.2 Entrevistas: a fala dos sujeitos que cultivam as experiências sócio-produtivas e educativas da Escola 25 de Maio

As entrevistas tiveram o objetivo de compreender a percepção das pessoas sobre o papel da escola, suas práticas pedagógicas, sua relação com a Agroecologia e o impacto da escola na vida das famílias do assentamento.

Apresentamos a seguir uma sistematização dos assentados e da assentada que participaram da pesquisa, conforme o Quadro 2, evidenciado além de um perfil, as práticas agroecológicas que realizam nos lotes.

QUADRO 2 – PERFIL DAS FAMÍLIAS DO ASSENTAMENTO ENTREVISTADAS

Assentado	Idade (anos)	Gênero	Tempo no assentamento (anos)	Relação com a escola	Fonte de renda	Práticas agroecológicas que realiza
Assentado 1	68	Masc.	38	Filhos e netos estudaram na escola	Milho, feijão e criação de animais	Cultivo sem agrotóxicos, variedade de sementes
Assentado 2	68	Masc.	38	Participou da fundação da escola	Aposentadoria, leite e hortaliças	Produção totalmente orgânica
Assentado 3	64	Masc.	38	Pai de ex-alunos	Agroindústria, leite e turismo	Certificação orgânica
Assentado 4	39	Masc.	38	Estudou e foi professor	Agroindústria, cooperativa, leite	Sistema agroflorestal silvipastoril
Assentada 1	62	Fem.	20	Duas filhas estudaram na escola	Aposentadoria, chás e feiras	Horto medicinal, sementes crioulas

FONTE: Elaborado pelas autoras (2025).

Iniciamos destacando a variedade de práticas produtivas agroecológicas apresentadas, exemplificando a partir do depoimento da agricultora Assentada 1 com a riqueza de seu relato.

O horto é uma prática produtiva. A gente tem também o que eu chamo de agrofloresta, mas que eu falo agroflores ou agro-medicinais, porque são mais isso do que só árvores. São árvores medicinais, flores que são medicinais, para atrair abelhas. A gente planta muitas flores também, pensando no meio ambiente, nas abelhas, nos pássaros, na polinização. Outro foco forte é a semente, principalmente dessas flores mais antigas como cosmos, azia, girassol, tagete - que é repelente e age como controle biológico. Tem também muitas árvores frutíferas nativas como ariticum, ingá, cereja do mato, pitanga, bucheiro, coquinho...". (Assentada 1, entrevista em 26/10/2024).

A análise integrada dos dados revela uma interconexão entre a trajetória histórica do assentamento, as práticas educativas da Escola Vinte e Cinco de Maio e as possibilidades da Agroecologia como modo de vida. As entrevistas demonstram que a presença majoritária de famílias desde a fundação do assentamento (38 anos) criou um tecido social, onde a escola se insere como instituição catalisadora de saberes. Esse longo período de convivência permitiu que a relação educação-produção se desenvolvesse de forma orgânica, com casos emblemáticos como o do Assentado 4, ex-aluno que se tornou professor e depois agricultor, exemplificando o conceito de circularidade dos saberes entre distintas fontes produtoras de saber (Borges et al., 2012), a saber, escola e comunidade.

A totalidade dos/as entrevistados/as realiza práticas agroecológicas e traz a relevância da escola para a formação da comunidade, como os trechos destacados a seguir das respostas acerca do questionamento sobre a importância da escola para a comunidade e a família.

Muito grande. É imensa. Porque os filhos estudaram nessa escola agrícola. Os netos estudaram ali. Então, a escola foi uma benção de Deus para nós sempre. E tem qualidade. Temos provas. Essa escola é conhecida no país. É conhecida em vários países do mundo. Foi levada a história da escola. Teve um grande jornalista que levou. Então, a nossa escola é o tudo para a educação que pode ter bisneto com o tempo estudando nela. (Assentado 1, entrevista em 25/10/2024).

A escola, sim, tem uma importância muito grande. Primeiro, você tem que ter conhecimento e ela começa a partir dali. E a importância maior que ela tem, que toda a nossa juventude, que quase todos foram para a faculdade, pelo incentivo e o debate que tem a escola. E aí a escola também tem a importância de produzir conhecimento na agroecologia para expandir para o Estado e para o Brasil, até inclusive alunos de outros países que estudaram aqui. (Assentado 2, entrevista em 25/10/2024).

Qual é a importância da escola na tua opinião para a comunidade? “É formar opinião. E para a família também, querendo ou não, para a comunidade, para as famílias. Formar opinião para os jovens, para os adolescentes, principalmente os que estudam lá e até mesmo as famílias que acompanham isso. Com relação a ter uma produção de qualidade sem riscos à saúde. E aquilo que falei antes, uma vida mais saudável. É isso aí. (Assentado 3, entrevista em 25/10/2024).

Sobre a escola, acho que tem um problema mais profundo que é a permanência do jovem no campo. Então a formação do filho, do agricultor, quando ela acontece no meio rural, há uma probabilidade maior de ele estar mais próximo da realidade e não abandonar. E para outras atividades, que não na agricultura. Então sobre a escola, acho que tem a base, ele está estudando dentro da realidade dele, a principal contribuição é essa, a sucessão familiar na agricultura, que hoje está tendo esse envelhecimento. E aí na agroecologia, como uma instituição que faz pesquisa e pode fazer essa relação, essa ponta com a comunidade. Então acho que os dois principais papéis da escola, no meu entendimento, é isso. Claro, além da formação histórica acumulada pela humanidade, a questão do conhecimento, mas no papel da Vinte e Cinco acho que se destaca nessas duas questões. (Assentado 4, entrevista em 26/10/2024).

[...] Trabalhar numa escola de agroecologia exige vínculo, e com o tempo você descobre e agraga valores que já vinha desde a infância. A escola é um ponto de referência, um espelho para os alunos. Se é uma escola de agroecologia, ela tem que

mostrar boas práticas, e foi o que a gente fez, reproduzimos na propriedade. A gente também aprende pesquisando, correndo atrás. A escola tem uma importância enorme, é um marco de resistência. (...) a Escola Vinte e Cinco de Maio já era referência. Continua sendo. (Assentada 1, entrevista em 26/10/2024).

Os depoimentos evidenciam a função social da instituição como difusora de conhecimentos técnicos articulados aos saberes tradicionais. Essa sinergia se manifesta especialmente nas técnicas de cultivo sem agrotóxicos, na preservação de sementes crioulas e nos sistemas agroflorestais, que aparecem como eixos comuns nos diferentes agroecossistemas familiares.

O aprendizado das práticas sócio-produtivas de base agroecológicas não estão somente vinculados à Escola Vinte e Cinco de Maio, indo desde as experiências familiares da infância, como apontado pela Assentada 1, passando pela formação proporcionada pelo MST, como destacado pelo Assentado 1 e pelo Assentado 2, chegando até na formação profissional, em Curso Técnico Agrícola e Graduação em Agroecologia, como no caso da Assentado 4.

Entretanto, as motivações que levam à realização dessas práticas encontram fortes vínculos com a Escola e em sua relação com a formação de uma consciência que comprehende os impactos do modelo convencional para a vida, associados às relações sociais capitalistas de produção. Como afirma o Assentado 3, que trabalho com uma produção totalmente orgânica, quando questionado se a motivação por essa escolha produtiva tinha alguma relação com a escola:

Tem, tem muita relação com a Escola Vinte e Cinco de Maio e também tem a relação que a gente tem também em você olhar o mundo que está hoje, o meio ambiente destruído, o veneno, a desgraça toda, a poluição da água, enfim, você tem que ter uma postura de defesa, não é subir num toco e fazer um discurso que tu defende agora a recuperação do meio ambiente, você tem que fazer na prática. (Assentado 3, entrevista em 25/10/2024).

Ressaltamos que a compreensão da necessidade de soberania alimentar e da produção de alimentos que promovam a vida é um sentido expressado também nos depoimentos, indicando como os princípios da luta pela terra organizada coletivamente pelo MST se fazem presentes também na formação das famílias agricultoras assentadas. O Assentado 2 afirma sobre a motivação para a escolha da Agroecologia que a “escola também teve bastante importância sobre isso. Mas assim, o principal fator de eu trabalhar com Agroecologia é a questão da saúde da vida, que é o principal motivo de um ser humano viver e viver bem.” (Assentado 2, entrevista em 25/10/2024).

Esse sentido pode ser encontrado também no depoimento do Assentado 4 ao relatar que “A minha motivação é a questão da alimentação saudável, a questão da soberania alimentar, as questões mais de cunho da sobrevivência da própria agricultura familiar, vamos dizer, na contraposição e combate à questão do método do agronegócio.” (Assentado 4, entrevista em 26/10/2024).

Tais questões apontam para a relação direta da luta pela Reforma Agrária com a luta contra a fome e a defesa da vida, pautas igualmente presentes na Agroecologia e na Educação do Campo.

3.3 A importância da escola na contribuição com o avanço de experiências agroecológicas

Durante a pesquisa de campo na escola ficou evidente o quanto essa instituição representa mais do que um espaço de ensino formal. A escola é, na verdade, um organismo vivo, onde o saber acadêmico caminha lado a lado com os saberes populares e com a vivência do campo e isto está explicitado tanto no PPP quanto nas falas das pessoas entrevistadas.

Seja a partir das falas das famílias assentadas ou de professores/as, é possível confirmar o compromisso que o MST fez formalmente no ano 2000, em seu IV Congresso Nacional, de deliberar pela Agroecologia como “necessidade urgente de forjar soluções à superação da agricultura industrial com o estabelecimento de sistemas sustentáveis de produção”, bem como dar “início às primeiras escolas técnicas de agroecologia no Brasil, rompendo radicalmente a cerca do latifúndio do conhecimento em ciências agrárias, até então monopolizado pelos interesses e pelas necessidades do capital no campo” (Tardin et al., 2022, p. 194-195).

Ao conversar com professores e famílias da comunidade, percebemos que a Escola tem um papel essencial na disseminação das práticas agroecológicas de acordo com a realidade dos sujeitos do campo. Ela é uma ponte entre o conhecimento científico e a trajetória histórica do território. Por meio das aulas práticas, dos laboratórios, das hortas pedagógicas (mandala, relógio do corpo humano) e da produção de alimentos orgânicos, a escola não apenas ensina, mas também transforma. É um espaço de resistência, onde a Agroecologia não é apenas um conteúdo, mas um modo de vida, onde os/as jovens aprendem na prática sobre manejo do solo adequado, rotação de cultura, autonomia e trabalho coletivo.

A formação que acontece vai muito além da sala de aula. É visível o quanto a Escola contribui na formação de sujeitos críticos, conscientes e comprometidos com a coletividade. A

fala do Assentado 1, por exemplo, marcou profundamente ao afirmar que a escola foi uma “bênção de Deus para a comunidade, pois formou os filhos, os netos e agora já prepara as próximas gerações. É um lugar que acolhe a memória, mas também projeta o futuro.”

Outro ponto que merece ser destacado (ao mesmo tempo que é emocionante) foi a forma como estudantes e professores/as tratam a terra. A relação com o solo, com as sementes crioulas, com o cuidado das plantas e a importância da natureza, tudo isso é tratado com muito respeito, além de trazer resultado na produção de alimentos, conforme pode ser verificado na figura (Figura 1) a seguir. Essa vivência é uma aula de ética ambiental, que poucos lugares oferecem com tanta intensidade e significado.

FIGURA 1 – DA ESQUERDA PARA A DIREITA - COLHEITA DA HORTA, ESPAÇO DA HORTA PEDAGÓGICA DA ESCOLA



FONTE: As autoras (2024).

A Agroecologia ali praticada está diretamente ligada à identidade e à autonomia das famílias assentadas. A Escola fortalece essas raízes e oferece caminhos para que a juventude permaneça no campo, com dignidade e conhecimento. Como disse um dos educadores entrevistados, a escola ajuda na permanência do jovem na terra, promovendo uma sucessão geracional conectada à realidade da agricultura familiar.

Assim, reafirma-se o “desafio político e pedagógico [do MST] de inserção orgânica das escolas de educação básica na práxis agroecológica” (Caldart, 2023). Ainda com Caldart aprendemos que (e podemos observar isso na Escola Vinte e Cinco de Maio):

A relação das escolas de educação básica com a agroecologia passa então a ser intencionalizada para uma *dupla finalidade*, social e formativa:

* para que as escolas ajudem no avanço da práxis agroecológica nos territórios camponeses, junto com todos os componentes da RAP [Reforma Agrária Popular]:

não como visão instrumental, mas como trabalho social que enraíza a escola no território que a mantém de pé;

* para atender às necessidades formativas básicas das nossas crianças e jovens, entre as quais e com centralidade, a necessidade do conhecimento alargado e profundo da realidade multilateral da vida e de todas as “coisas do mundo”: a inserção na práxis agroecológica pensada na realização das tarefas educativas da escola que se orienta por finalidades sociais e formativas emancipatórias. (Caldart, 2023, p. 2-3).

4 Considerações finais

A Escola Vinte e Cinco de Maio materializa, mesmo com contradições e desafios, o papel da educação como agente de mudança, especialmente quando ela se alinha aos princípios da Agroecologia, da coletividade e da autonomia popular, reafirmando o compromisso com a educação transformadora e com os povos do campo. Esta, enquanto espaço formativo, ultrapassa os muros da sala de aula; se constrói no dia a dia da comunidade, no diálogo entre gerações, nas práticas produtivas sustentáveis, nas lutas sociais e na resistência camponesa. A Agroecologia ali experienciada nos processos de ensino-aprendizagem, e nas vivências das famílias, mostra que é possível aliar produção agropecuária, preservação ambiental e justiça social. A Escola reafirma que o conhecimento deve partir da realidade do/a estudante e dialogar com sua história, sua cultura e seu território, assim como posto nos pilares e fundamentos da Educação do Campo.

Referências

BORGES, L. P. C.; FERREIRA, Y. S.; FONTOURA, H. A. A circularidade de saberes na formação docente: para quem e por que pesquisamos? **Revista Teias**, v. 14, n. 28, p. 211-221, maio/ago. 2012.

CALDART, R. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: escola é mais do que escola. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

CALDART, R. S. **Agroecologia e Educação Básica**. Exposição feita no dia 7 de setembro 2023 no Curso Básico Agroecologia e Educação da Região Sul, realizado na Escola de Educação Básica 25 de Maio em Fraiburgo/SC de 3 a 9 de setembro. 2023.

CALDART, R. S. **Memória de construção da Pedagogia do Movimento**. Em razão dos 25 anos da primeira edição do livro "Pedagogia do Movimento Sem Terra". 2025.

DOMINGUES, S.; FERREIRA DOS SANTOS JÚNIOR, C.; NUNES, A.; BONADIMAN, A. Agroecologia e Pedagogia da Alternância: um estudo de caso da Escola Tecnológica de Fraiburgo, Santa Catarina. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 102, n. 262, 26 nov. 2021.

EEB VINTE E CINCO DE MAIO. **Projeto Político Pedagógico.** Escola de Educação Básica Vinte e Cinco de Maio, Fraiburgo, 2024.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** São Paulo Cortez, 2005.

FURLAN-CARCAIOLI, G.; GAIA, M. C. M.; FINATTO, R. A. Apontamentos sobre a relação entre Agroecologia e escola do campo no contexto da pandemia de Covid-19. **Revista Brasileira de Educação do Campo,** [S. l.J, v. 9, Disponível em: <https://periodicos.ufnt.edu.br/index.php/campo/article/view/18520>. Acesso em: 15 jun. 2025.

GEHRKE, M. Por uma escola infantil com biblioteca: dos fundamentos aos apontamentos de práticas. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 13, n. 26, p. 140-157, set./dez. 2017.

GUHUR, D.; SILVA, N. R. Agroecologia. IN: DIAS, A. P; STAUFFER, A. B; MOURA, L. H. G; VARGAS, M. C. (Orgs). **Dicionário de agroecologia e educação.** São Paulo: Expressão popular, 2021.

KUHN, A. Juventude do campo e migração: escolarização, resistência e expansão do agronegócio. **Ponto e Vírgula**, PUC SP, n. 18, p. 39-55, 2015.

MARTINS, L. G.; SOUSA, R. S. C. **A produção científica sobre agroecologia: a biblioteca universitária como espaço de salvaguarda do conhecimento.** XXII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias. Florianópolis. 2023.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Editora Vozes, 2011.

PIRES, M. F. de C. O materialismo histórico-dialético e a educação. **Interface-comunicação, saúde, educação.** v. 1, p. 83-94, 1997.

PORTAL QEdu. **EEB Vinte e Cinco de Maio.** Disponível em <https://qedu.org.br/escola/42109361-eeb-vinte-e-cinco-de-maio/censo-escolar> Acesso em: 14 jun.2025.

RIBEIRO, D. S. (org.). **Agroecologia na educação básica:** questões propositivas de conteúdo e metodologia. 1a ed. São Paulo: Outras Expressões, 2017. 136p.

TARDIN, J. M.; GUHUR, D. M. P.; REZENDE, S. A. Diálogo de saberes no encontro de culturas – contribuição à formação da e do militante técnico pedagogo-educador em agroecologia nas escolas técnicas do MST e CLOC – via Campesina no Paraná. In: BRITO, F. E. M.; ANDRADE, G. S.; SODRÉ, M. D. B.; RODRIGUES, R. M. C. (orgs.). **Educação do Campo e Agroecologia:** resistência e luta pelo fortalecimento dos saberes e fazeres. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. 366p.